

É preciso reabrir as escolas

- setembro 19, 2020
- Osmar Terra

O cálculo do número de mortes que acontecem numa pandemia não nos permite esquecer a dor e a tragédia de cada existência perdida, mas é necessário conhecê-lo para compreender melhor o que acontece e como evitar uma maior perda de vidas. Michael Levitt, professor de Stanford e Prêmio Nobel de 2013, é o cientista que mais e melhor estudou os números da Covid-19.

Desde o início do primeiro surto epidêmico na China, Levitt vem dedicando a maior parte do seu tempo, de forma incansável, para desvendar as informações que os números da pandemia escondem. Até

por isso ele é um dos que mais contesta as projeções apocalípticas dos pesquisadores do Imperial College, a instituição inglesa que convenceu a maioria dos governantes europeus de que teríamos uma das mais mortais epidemias da história, que levaria a dezenas de milhões de mortes.

Para enfrentar tal catástrofe, o Imperial College propôs que deveríamos fechar o mundo numa longa quarentena de no mínimo 18 meses, até a descoberta de uma vacina. Essa tese absurda, que quebrou a economia ocidental, nunca se baseou em evidências científicas e sequer foi comprovada em algum

lugar. **Levitt denuncia isso com muito vigor.**

+ ASSISTA: [Michael Levitt critica resposta “vergonhosa” da ciência à pandemia](#)

Entre os dados que apresenta existe uma verificação simples e reveladora para avaliar os danos da Covid-19. Levitt compara a mortalidade geral de cada país (por todas as causas) que ocorre a cada ano, para avaliar o acréscimo nos óbitos causado pela pandemia em 2020. Na verdade, este aumento é a chave para entendermos como a pandemia altera a mortalidade, para avaliarmos a diferença, o dano maior, que fez ao acontecer.

A contabilidade apocalíptica do Imperial College previu que morreria, durante essa pandemia, o equivalente ao **dobro** do número de mortes previstas para 2020. Assim, estabeleceu a tese do equivalente a **um ano de mortes a mais**, causada por influencia direta da Covid. Levitt mostra que o Imperial College errou feio. Ele demonstrou que o número de mortes a mais da epidemia, no ano de 2020, equivaleria não a um ano mas, no máximo, a **um mês** na média anual. Portanto doze vezes menor!

Comparando 2020 com 2019, noutro aspecto interessante da sua análise, Levitt demonstra que na Europa ocorreram as mortes de 153.006 pessoas durante o surto da Covid-19, por doenças respiratórias agudas

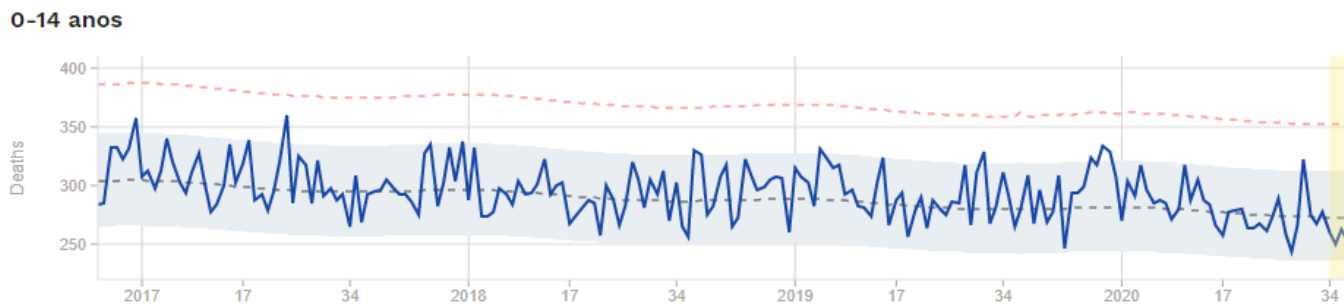
graves (SRAG). O número pode ser comparado com as mortes de 133.198 pessoas por SRAG em 2018, num surto de gripe influenza. Assim, foram 19.808 mortes em excesso em 2020, e não 153 mil! E em 2018 não foram decretados lockdown nem quarentena.

O mesmo fenômeno ocorre no Brasil se compararmos, em todo o país, o número de mortes a maior em 2020 com as ocorridas em 2019. Nos primeiros oito meses de cada ano, veremos que as mortes de 2020, no conjunto do país, excedem as de 2019 no equivalente a três semanas de óbitos. Portanto, confirmam a tese de Levitt e desmentem o Imperial College. **Fonte: Transparência Registro Civil**

Também são surpreendentes os dados do [EuroMoMo](#) (Observatório Europeu de Monitoramento da Mortalidade), quando há a estratificação por faixa etária. Ao fazer isso, descobrimos que na faixa de **0 a 14 anos** de idade não houve qualquer aumento no número de mortes no período da Covid-19, pelo contrário, ocorreu uma diminuição de mortes de crianças e adolescentes em 2020 comparando aos anos de 2019, 2018 e a 2017.

Logo, o risco das crianças terem uma infecção grave que as levasse ao óbito foi maior nos anos anteriores do que em 2020. E as escolas não estavam fechadas nos anos anteriores. Por que então foram fechadas as escolas?! Essa realidade muda nos gráficos

comparativos à medida que a faixa etária aumenta.



Fonte: EuroMoMo

Quanto ao risco de aumentar o contágio em razão da abertura das escolas, queremos fazer duas considerações. O risco de contágio de crianças em sala de aula nos países que não fecharam, ou que reabriram as escolas mais cedo, não está sendo maior do que naqueles onde as crianças estão fechadas em casa. Manaus, que já retornou às aulas presenciais há mais de um mês, não

registra aumento do contágio na comunidade escolar.

Veja a seguir os estudos comparativos entre Suécia e Finlândia, na Alemanha, Suíça, Austrália e Coreia do Sul.

+ LEIA: Agência de saúde da Suécia afirma que escolas abertas não geraram disseminação de pandemia entre crianças

Comparação entre Suécia e Finlândia:

“Em conclusão, (o) fechamento ou não de escolas não teve impacto direto mensurável no número de casos confirmados por laboratório em crianças em idade escolar na Finlândia ou na Suécia”, disseram as agências no relatório publicado na semana passada.

O relatório mostrou que os casos graves de COVID-19 eram muito raros entre crianças suecas e finlandesas de 1 a 19 anos, sem mortes relatadas. Uma comparação da incidência de COVID-19 em diferentes profissões não sugeriu risco aumentado para professores.

As crianças representaram cerca de 8,2 por cento do número total de casos COVID-19 na Finlândia, em comparação com 2,1 por cento na Suécia.

+ LEIA: Quais os sinais positivos na reabertura de escolas alemãs

+ LEIA: COVID-19 em crianças e a dinâmica da infecção nas famílias

Resultados

Entre um total de 4310 pacientes com SARS-CoV-2, 40 tinham <16 anos (0,9%). Um paciente cujo acompanhamento telefônico não foi possível foi excluído pela impossibilidade de avaliar a evolução clínica e os sintomas de CHH. O acompanhamento médio das famílias foi de 18 dias (intervalo interquartil [IQR]: 14–28).

Estudo divulgado por Alessandro Loiola

A Academia de Pediatria dos Estados Unidos mostra que não aumenta o risco de contágio da Covid-19 com as crianças em sala de aula, desde que se tomem os cuidados básicos de distanciamento, higiene e proteção individual. **A OCDE (Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico)**, que congrega os países desenvolvidos, revela que o Brasil está

entre os países que fecharam as escolas por maior período.

A média de tempo das escolas fechadas nos países do grupo foi de 14 semanas (o tempo médio de duração das curvas de contágio do vírus). No Brasil, na maioria dos estados, já passa de 20 semanas!

+ LEIA: [Brasil está entre países que fecharam escolas por mais tempo, diz OCDE: 'Uma das decisões mais difíceis'](#)

Na epidemia do H1N1, em 2009, quando o Rio Grande do Sul estava no epicentro da epidemia, nós tínhamos as crianças como grupo de risco e, mesmo assim, reabrimos as escolas em plena epidemia, pois **elas estavam se contaminando mais fora das instituições do que dentro.**

Agora, na Covid-19, as crianças não são grupo de risco, como mostram dados dos outros países e do Brasil. Mais um motivo para as escolas serem reabertas imediatamente – aliás, nunca deveriam ter fechado. O risco que tem nessa epidemia, de contágio por qualquer infecção viral (incluindo a Covid-19) e de morte nas crianças, não é maior do que nos anos anteriores, **quando as escolas funcionavam normalmente.**

Escrevi este texto pensando nas crianças e em seus pais, que estão sendo assustados e não informados, dia e noite, pela mídia apocalíptica e, por isto, temem pela saúde de seus filhos. O temor que os pais têm precisa de refutação com dados e exemplos. É preciso explicar-lhes o

risco real e acalmá-los. Hoje o contágio em casa é muito maior do que nas escolas e isso não será alterado com a volta às aulas.

E a cada dia que passar haverá menos casos da Covid-19, pois a epidemia está indo para o fim. **Essa tendência não mudará com a volta às aulas como não mudou nos lugares onde as escolas já funcionam há mais tempo.** A pesquisa sorológica feita pela prefeitura de São Paulo já vem mostrando isso.

É assim em todos os países do mundo. E a boa notícia é que as nossas crianças têm uma proteção natural muito maior que a dos adultos contra formas graves da Covid-19. O prejuízo intelectual ao qual estão sendo submetidas as crianças e jovens é

enorme, incomensurável, e dificilmente será recuperado no futuro.

Cada dia sem aulas é uma pequena catástrofe no seu aprendizado, que tem um tempo ótimo para acontecer em cada faixa etária. Mais ainda para as crianças pobres, que não têm recursos para acessar à educação a distância, e que precisam mais do que nunca das aulas presenciais.

Por conta desse tipo de erro, o fechamento desnecessário das escolas, a desigualdade econômica, social e educacional vai aumentar muito no Brasil pós-pandemia. **Voltemos portanto às aulas pelo bem das crianças, das famílias e do Brasil!**